

REPENSANDO LA CLÍNICA  
PSICOANALÍTICA.  
DESDE LA TEORÍA DE LA SEDUCCIÓN  
HACIA UN PSICOANÁLISIS CON  
PERSPECTIVA DE GÉNERO

REPENSANDO A CLÍNICA  
PSICANALÍTICA.  
DESDE A TEORIA DA SEDUÇÃO  
A UMA PSICANÁLISE COM  
PERSPECTIVA DE GÊNERO

RETHINKING THE PSYCHOANALYTIC  
CLINIC. FROM THE THEORY  
OF SEDUCTION TO A PSYCHOANALYSIS  
WITH A GENDER  
PERSPECTIVE.

Lic. Gabriella Raffo  
Asociación uruguaya de Psicoterapia Psicoanalítica  
Correo Electrónico: gabriellaraffo@hotmail.com ORCID  
0009-0009-3333-7420

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Raffo G. (2023) REPENSANDO LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA. DESDE LA  
TEORÍA DE LA SEDUCCIÓN HACIA UN PSICOANÁLISIS CON PERSPECTIVA DE GÉNERO  
Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.3/  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# REPENSANDO A CLÍNICA PSICANALÍTICA. DA TEORIA DA SEDUÇÃO A UMA PSICANÁLISE COM PERSPECTIVA DE GÊNERO

Lic. Gabriella Raffo<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Lic. em Psicologia UDELAR. Psicoterapeuta Psicanalítica IUPA. Membro de AUDEPP. Co-coordenadora da Comissão de Derivações de AUDEPP. Diploma em Psicanálise, Gênero e Diversidade AUPCV. Psicoterapeuta no Sistema Nacional integrado de Saúde (SINADI).

**Resumo:** Este trabalho tenta fornecer uma visão crítica que nos permita sistematizar algumas das revisões feitas sobre teorias bem conhecidas da psicanálise à luz dos estudos de gênero.

Também enfatiza a necessidade de trabalhar em espaços clínicos a partir de uma perspectiva de gênero, que considere como o contexto social atual determina o sofrimento e a dor de nossos pacientes. São apresentados breves exemplos clínicos para tornar isso visível, bem como alguns exemplos do contexto social atual que caracterizam os modelos de feminilidade e masculinidade.

Por fim, destaca-se o valor e a atualidade da psicanálise como um corpo teórico que nos permite modificar subjetividades e promover mudanças sociais.

**Palavras-chave:** psicanálise – gênero – feminilidade – masculinidade – subjetividades

**Resumen:** El siguiente trabajo, intenta ser una visión crítica, que permita sistematizar algunas revisiones que se han realizado a conocidas teorías del psicoanálisis a la luz de los estudios de género.

Así mismo, pone el énfasis en la necesidad de trabajar en los espacios clínicos desde una mirada en perspectiva de género, que contemple como el contexto social actual, determina el sufrimiento y el padecer de nuestros consultantes. Se exponen breves ejemplos clínicos para visibilizar lo anteriormente dicho, así como algunos ejemplos de la actualidad social que caracterizan los modelos de feminidad y masculinidad.

Finalmente, se destaca el valor y la actualidad del psicoanálisis, como cuerpo teórico que permite modificar subjetividades y promover cambio social.

**Palabras Clave:** psicoanálisis – género – femineidad – masculinidad – subjetividades

**Abstract:** This work tries to provide a critical vision, which allows to systematize some revisions that have been made to well-known theories of psychoanalysis in the light of gender studies.

Likewise, it emphasizes the need to work in clinical spaces from a gender perspective, which contemplates how the current social context determines the suffering and suffering and pain of our patients. Brief, clinical examples are exposed to make visible the above, as well as some examples from the current social events that characterize the models of femininity and masculinity.

Finally, the value and topicality of psychoanalysis is highlighted as a theoretical body that allows modifying subjectivities and promoting social change.

**Keywords:** psychoanalysis – gender – femininity – masculinity – subjectivities

## **I - Introdução**

“Eu não acredito mais na minha neurótica”, (Freud 1897, p. 301) confessou Freud a Fliess em 1897 e, mesmo sem saber, o pai da psicanálise se aliou a um pacto patriarcal de silêncio que, entre outras coisas, encobriu a naturalidade dos abusos sexuais da época.

Mais de cem anos se passaram até que essas históricas pudessem ser ouvidas com seriedade e tornassem visível um mal do qual ainda somos prisioneiros.

Era muito mais fácil envolver com a capa da loucura os que ousavam colocar em palavras aquelas situações indescritíveis.

Era mais fácil elaborar teorias rebuscadas que pudessem explicar o inaceitável.

Ainda hoje, o ramo mais ortodoxo da psicanálise (e às vezes nem tão ortodoxo assim) escolhe refúgio em teorias de fantasias intrapsíquicas, em vez de reconhecer um mal comum, o mal da cultura patriarcal. Evidenciando o erro de se atentar apenas para o mundo intrapsíquico, minimizando os efeitos dos cruzamentos culturais quando se trata de produzir subjetividade, de produzir patologia. Em muitos casos, a psicoterapia se torna um evento iatrogênico para aqueles que buscam tratar um sofrimento.

É necessário acrescentar a Sigmund à lista de intelectuais cancelados? Eu penso que não, acredito que somos ingênuos se fingirmos que o conhecimento da época e nosso amado autor não são influenciados por uma cultura que persiste até hoje e que somente os movimentos feministas foram capazes de tornar visível.

Talvez também devamos fazer justiça ao lembrar que Freud revolucionou sua época ao colocar o sofrimento feminino e a sexualidade das mulheres, temas tabus para sua época, no centro de seu trabalho.

Por outro lado, vale salientar que a psicanálise sempre foi o ramo da psicologia que mais se questionou sobre sua práxis, sobre o efeito que o técnico exerce sobre os processos e que nos permite gerar uma teoria em constante revisão.

Assim, na atualidade, surgem novos autores que revisam a teoria à luz dos conhecimentos atuais e geram novas ferramentas que nos permitem aliviar o sofrimento daqueles que nos consultam hoje.

## **II - Revisão de alguns conceitos psicanalíticos**

A teoria psicanalítica foi atravessada pela dominação masculina de forma mais implícita ou explícita, e podemos explicar isso observando seus postulados sobre o masculino e o feminino, propõe Michael Tort (2016), dando como exemplo a teoria do falo, a inveja do pênis, etc.

Essas afirmações são geradores culturais que reforçam os estereótipos de gênero, acrescentando autoridade ao masculino.

No entanto, as mudanças sociais entre os gêneros precisam de transformações subjetivas, afirma Meler (2013), e esse é o potencial da psicanálise para produzir uma mudança profunda nos relacionamentos.

A autora (Meler, 2013) se refere ao viés androcêntrico que perpassa a obra freudiana e propõe uma desconstrução da teoria psicanalítica à luz dos estudos de gênero.

Por exemplo, refere à já mencionada inveja fálica da mulher, que pode ser considerada um conceito sexista, pois menciona a inveja da mulher, mostrando-a como um macho inferior ou castrado, mas opta por ignorar outros aspectos comprovados, como a inveja masculina dos seios maternos ou a capacidade da mulher de ter bebês (Meler, 2013).

Esses desejos de identificação feminina dos homens são frequentemente reprimidos devido à desvalorização da condição feminina. O fato de a psicanálise construir teorias com base na inveja das mulheres, mas omitir a contrapartida masculina em relação à inveja biológica do sexo oposto, é um indicativo do viés mencionado anteriormente.

Da mesma forma, Freud (em Meler, 2013) ignora os fatores culturais de dominação masculina aos quais as mulheres estavam sujeitas, em relação ao casamento, por exemplo, ou ao desenvolvimento profissional, e prefere descrever as mulheres como figuras passivas, relacionando-as à sua genitália receptiva. É essa mesma passividade que determina o prazer masoquista feminino.

Essa é uma afirmação reducionista e totalmente inaceitável hoje em dia, que não teve nenhuma confirmação científica no decorrer da história e que, de acordo com Meler (2019), confunde fantasias masculinas com desejos femininos. Basta observar que geralmente são os homens que pagam às prostitutas para submetê-las a maus-tratos.

Mesmo assim, essas confusões tiveram consequências no imaginário coletivo e, como todo imaginário, ganharam corpo nas subjetividades masculinas e femininas.

Por outro lado, entendendo o narcisismo como a investidura libidinal do eu, necessário até certo ponto, mas patológico quando não deixa a libido para as relações de objeto, Freud (em Meler, 2013) descreve a escolha do objeto homossexual como uma escolha baseada no amor-próprio, uma escolha narcísica do objeto. No entanto, Meler (2013) lembra que também nas escolhas heterossexuais pode haver um objeto que representa a si próprio, tanto em uma forma ideal quanto em uma forma anterior, revelando também escolhas com aspectos narcísicos, não sendo esse tipo de escolha exclusivo da homossexualidade, onde sabemos que há escolhas tanto de natureza narcísica quanto de objeto. Isso sugere o caráter homofóbico dessa teoria do amor homossexual narcísico.

Seguindo essa linha, Meler (2013) se refere ao fato de Freud atribuir exclusivamente aos homens a capacidade de desenvolver um amor objetal, enquanto as mulheres são descritas como mais narcisistas, pois só amam a si mesmas e gostam de ser amadas pelos homens, explicando o amor materno apenas como uma extensão do amor que sentem por elas mesmas.

Sabemos que essa afirmação é totalmente infundada e, segundo a autora (Meler, 2013), é muito provável que Freud não soubesse que era a misoginia da época que forçava as mulheres a esconder seus desejos e não a falta de interesse erótico por parte das mulheres.

Os postulados biologicistas da época levaram Freud (em Meler, 2013) a propor uma constituição diferente do superego em homens e mulheres, os primeiros regidos pela ameaça de castração que incentiva o sepultamento dos desejos proibidos, e as segundas, desencorajadas, dada a percepção de uma castração já consumada.

Esse modelo toma a anatomia masculina como modelo ideal e, conforme descrito pela autora, deixa claro que a psicanálise não foi capaz de tornar consciente o inconsciente cultural e que a diferença na constituição do superego é provavelmente mais definida pelas diferenças nas representações sociais de feminilidade e masculinidade que moldam a pulsão, mais do que pela diferença anatômica, sendo a consciência moral observada nas mulheres muito maior do que a observada nos homens, fato facilmente confirmado pela observação dos índices de criminalidade perpetuados por homens ou mulheres em qualquer parte do mundo.

É pelo exposto que podemos notar a ausência de considerações políticas no desenvolvimento da teoria psicanalítica e como o caráter progressista que Freud soube representar se limita a uma postura conservadora em suas seções sobre a mulher.

### **III - A evolução da dominação masculina e a psique feminina**

Meler (2019) menciona o conceito de histeria que começou a ser estudado no início do século XX, enfatizando o contexto social da época e como isso afetava aqueles que sofriam e que, como agora, encarnavam os desejos masculinos da época.

Assim, não é estranho ver em nossas clínicas o sofrimento feminino relacionado às pressões da dominação masculina e sexista do mundo patriarcal e androcêntrico.

Longe de desaparecer, essas pressões se tornaram mais complexas, uma vez que as subjetividades masculina e feminina mudaram muito em um curto período de tempo. Talvez, no início do século XX, essas pressões girassem em torno de ser uma namorada respeitável e uma mãe dedicada, conforme descrito por Meler (2019). Isso era o que a masculinidade e a sociedade da época esperavam de uma mulher.

Hoje, o espectro do mandato masculino e social para as mulheres tem um amplo leque de exigências que são até antagônicas entre si.

Ser uma mulher sexualmente recatada, mas ao mesmo tempo saber como agradar um homem na cama. Ser uma mãe dedicada, mas ao mesmo tempo ter ambições profissionais, não descuidar nosso trabalho e se destacar nele para ganhar o mesmo que um homem. Ser inteligente, culta, mas não uma sabe-tudo, porque isso não seduz os homens. Querer formar uma família, mas não demonstrar que está desesperada para ter filhos, pois isso não atrai os candidatos que querem permanecer no mercado sexual livre de pressões biológicas reprodutivas. Tomar iniciativa, mas não ir rápido demais.

Podemos encontrar milhares de exemplos como esses quando se trata das experiências das mulheres em relacionamentos heterossexuais.

Esse leque de “opções” que as mulheres enfrentam é mais uma forma de subordinação feminina, que, como afirma Meler (2015), dá uma falsa ilusão libertadora, o que implica uma difícil detecção da opressão exercida.

E quais são os efeitos na psique feminina de todos esses desejos incompatíveis que só se tornaram mais e mais complexos no último século?

Talvez a resposta possa ser encontrada ao observarmos as patologias mais comuns que acometem nossas pacientes e que podem até ser pensadas como uma “evolução” do sintoma histérico clássico: crises de ansiedade, angústia, ataques de pânico, agorafobia, fibromialgia (essas duas últimas, com forte predominância do gênero feminino).

É notório observar como, quando o tratamento psicoterápico gira em torno da explicitação dos mandatos, mesmo que pareçam muito óbvios, produz alívio nos sintomas das pacientes.

Pessoalmente, acho que tem a ver com o fato de poder mostrar que esse não é um problema exclusivo daquela pessoa, mas algo pelo qual a maioria das mulheres se sente tocada, e isso alivia a culpa de se sentir incapaz de acessar tais mandatos, entendendo a necessidade de questioná-los.

Sem contar que o mesmo acontece com a questão do assédio sexual, que, como nós que trabalhamos nessas profissões sabemos, é muito mais comum do que se diz e, muitas vezes, é um motivo recorrente de consulta.

Esse assunto é sempre desconfortável, porque sempre foi mais comum do que gostaríamos de admitir, tanto que o próprio Freud não conseguia reconhecê-lo e gerou uma dívida enorme da psicanálise com essas pacientes, que hoje entendemos que são revitimizadas quando passam por um tratamento que nega seu sofrimento, que as responsabiliza por desejar ou provocar o assédio ao qual foram submetidas. Tal tratamento não apenas não alivia o sofrimento do paciente, mas acrescenta novos desconfortos, a culpa de imaginar, desejar ou fantasiar tais eventos dolorosos.

Não faz muito tempo, circulou na mídia a notícia de uma menina que teve de filmar o avô abusando dela, porque, de outra forma, ninguém iria acreditar nela. Ficamos sabendo dessa notícia, mas quantos casos como esse estão acontecendo no momento? Quantas meninas têm medo de denunciar tais situações por medo de serem revitimizadas?

É totalmente inaceitável que os espaços, que deveriam ser considerados seguros para curar essas feridas, tornem-se geradores de mais sofrimento.

Talvez essas sejam as áreas em que o trabalho com uma perspectiva de gênero seja mais urgente.

Também vale destacar que, embora haja detratores, a educação sexual integral está sendo promovida na atualidade, o que, entre outras coisas, gera recursos para que meninas e meninos possam reconhecer situações que violam seus direitos, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

#### **IV - O sofrimento das mulheres em termos feministas**

Na marcha de 8 de março deste ano (2022), a rede de psicólogas feministas marchou com uma faixa proclamando: “o machismo ameaça nossa saúde mental”.

É muito provável que, ao ler essa frase, a maioria de nós pense em situações de violência que claramente violam a saúde mental e física de uma mulher.

Isso significa que, há algum tempo, se fez indispensável ter uma abordagem com perspectiva de gênero para as equipes que trabalham com vítimas de violência.

Mas o que acontece em situações de sofrimento que não estão diretamente relacionadas a situações de violência explícita?

É comum vermos em nossas clínicas situações de desconforto feminino, ligadas a transbordamento, angústia reativa a um sentimento de incapacidade, falta de tempo para cuidar de si.

Há muito tempo reconhecemos o conceito de “dupla jornada de trabalho”, que se refere ao fato de que, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as tarefas reprodutivas não foram compartilhadas igualmente, mas implicaram uma carga para as mulheres, que, além de se encarregarem de suas tarefas de trabalho, também tinham de dar conta de continuar sustentando as tarefas da casa e dos filhos.

As relações igualitárias ainda são uma utopia, porque, embora hoje em dia possamos observar com mais frequência os homens tentando assumir um papel mais ativo em termos de criação dos filhos ou de cuidados do lar, ainda é uma carga mental que afeta as mulheres e que, muitas vezes, apesar dessas tentativas masculinas, elas ficam em uma espécie de papel de supervisão, ou como chefes sem poder, que mandam seus empregados/filhos/maridos fazerem as tarefas, perpetuando o papel materno que as mulheres exercem dentro de casa, mesmo com seus pares, e que produz um enorme desgaste psíquico, que se traduz em várias das aflições que encontramos na consulta.

Por outro lado, Almudena Hernando (2015) descreve dois tipos de identidades, a relacional e a individual. A primeira se refere a uma identidade que se constrói no fazer com os outros, nos vínculos que dão identidade e pertencimento ao grupo e que implica que, fora dessas relações, a pessoa não sabe quem é, e está associada à falta de controle do mundo. Por outro lado, a segunda está associada ao estabelecimento de condições para o controle do mundo e à desvinculação afetiva, onde “a identidade é pensada”. A ordem patriarcal é quase exclusivamente identificada com a segunda.

Segundo a autora, a identidade relacional passou a ser identificada com a mulher, o que não é consciente, mas é essencial, pois o indivíduo em solidão é frágil diante do universo. Isso faz com que os homens gerem o que a autora chama de “individualidade dependente”, pois precisam do complemento relacional que buscam no gênero feminino para poderem se sustentar.

Podemos pensar que o mencionado acima gera outro tipo de demanda invisível para as mulheres, que é a de fornecer apoio emocional ao gênero masculino.

Embora o progresso na igualdade de direitos seja imparável, devemos entender que existe uma relação de desigualdade na vida privada e que isso contribui para a hiper demanda física e psicológica a que as mulheres estão expostas e que, em grande medida, determina o sofrimento que as afeta.

Segundo Meler (2013), a psicanálise é um dispositivo autorreflexivo que cultiva a subjetividade, o que a torna uma excelente ferramenta para abordar esses problemas, desde que possa ser exercida a partir de uma perspectiva de gênero, o que nos permite compreender em profundidade a complexidade dos fatores que produzem o desconforto tipicamente feminino.

### **V- E o que acontece com os homens?**

Os homens não são afetados pela cultura patriarcal?

Sim, é claro que são.

Entendamos que, embora a cultura patriarcal seja um acúmulo de comportamentos que privilegiam o gênero masculino, ela é exercida tanto por homens quanto por mulheres.

Infelizmente, sabemos que não é estranho ver legisladoras e figuras públicas negando fatos básicos como a violência de gênero, a diferença salarial ou defendendo leis (por exemplo, a lei sobre guarda conjunta) que são um ataque direto às mulheres.

Mas as exigências patriarcais também têm efeito sobre os homens.

Por exemplo, durante a crise econômica que atingiu o Uruguai em 2002, os suicídios aumentaram exponencialmente, e as principais vítimas foram os homens. Por quê? Porque o ônus do apoio econômico e do poder econômico recai principalmente sobre os homens.



Assim como nas clínicas podemos observar um tipo de sofrimento que afeta principalmente as mulheres, há outro tipo de sofrimento que é mais típico dos homens.

As mulheres sofrem com questões econômicas, principalmente porque é difícil para elas ter acesso a empregos mais bem remunerados ou, muitas vezes, porque precisam cuidar dos filhos sozinhas, o que representa uma carga econômica difícil de lidar, sem mencionar que o mundo feminino é mais caro do que o masculino. Já se falou no chamado “imposto rosa”, que se refere ao fato de que os mesmos itens tendem a custar mais quando são projetados para mulheres, mesmo que isso envolva apenas a mudança da cor da embalagem.

Entretanto, nos homens, o peso do dinheiro assume um aspecto diferente, e aspectos relacionados à idealização narcisista são depositados no poder econômico.

A isso devemos acrescentar que a sociedade coloca o homem bom como aquele que é capaz de prover.

Muito da masculinidade é jogado no poder econômico, ter um carro bom que gera admiração como o menino que quer deslumbrar com seu pênis. Da mesma forma, as pressões sobre o desempenho e o desejo sexual também não são menores.

Um homem que se preze deve estar à disposição da demanda sexual, questionando sua masculinidade se isso não acontecer, obviamente uma sexualidade falocêntrica.

No entanto, sabemos que esse não é e não deveria ser o caso, e é por isso que reconhecer que ele não se sente sexualmente atraído por uma mulher, ou que não tem desejo, gera um desconforto que pode questionar sua identidade masculina, sem mencionar quando ele não consegue uma ereção ou sofre de ejaculação precoce. Esses são fenômenos comuns para os quais os homens têm muita dificuldade de verbalizar e que facilitam o recurso à oferta farmacológica que se desenvolveu em torno dessa demanda crescente.

Finalmente, vale a pena observar que o mundo masculino também enfrenta certa relutância em entrar em contato com o plano emocional.

Há poucos dias, o lutador Paddy Pimblett (2022) comentou em uma entrevista após uma luta que, na noite anterior, um amigo próximo havia cometido suicídio e que havia um grande estigma de que os homens não podem falar sobre seus problemas. Ele também disse que preferia que seu amigo estivesse chorando em seu ombro e não tivesse de ir ao seu funeral.

Esse é um claro exemplo para descrever um problema tipicamente masculino. De acordo com Jessica Benjamin (em Meler, 2013), a dominação é uma tentativa de negar a dependência.

Da mesma forma, as palavras de Pimblett também mostram uma realidade que está começando a se tornar visível, e como alguns homens que estão inseridos em esferas totalmente masculinas também podem desenvolver um grau de sensibilidade capaz de compreender esse problema.

Entretanto, o reconhecimento da necessidade de ajuda expõe a dependência, dependência essa que deve ser negada para garantir a masculinidade, e essa pode ser, inclusive, uma das razões pelas quais a expectativa média de vida dos homens é 8 anos menor do que a das mulheres, sendo que a diferença de idade entre homens e mulheres aumentou no século XX, segundo Volnovich (2010).

Voltando às identidades mencionadas por Almudena Hernando (2015), o masculino é associado principalmente ao indivíduo e, embora alguns homens também tentem entrar em contato com uma identidade relacional, muitas vezes são rotulados como feminilizados por essa atitude, em tom depreciativo e de um ponto de vista misógino.

Hoje em dia, é mais comum ver homens tentando se envolver em questões de paternidade, não apenas do ponto de vista funcional, mas também afetivo, de modo que vemos com bons olhos as mudanças em relação à licença paternidade no âmbito trabalhista, por exemplo. No entanto, muitos homens descrevem certa resistência de seus ambientes de trabalho ao exercício da licença paternidade.

Podemos entender que há certos problemas, que têm a ver com os mandatos de gênero, e geram um sofrimento específico das masculinidades para as quais uma psicanálise com perspectiva de gênero pode fornecer uma resposta mais eficiente.

## **VI- Conclusões:**

A dicotomia entre o mundo intrapsíquico e o extrapsíquico é um binarismo que há muito desafia a psicanálise.

A psicanálise tornou-se a ferramenta por excelência para pensar e modificar as subjetividades dos indivíduos, mas ela se torna pobre e até iatrogênica se não levar em conta os aspectos sociopolíticos que determinam a construção das subjetividades, bem como o efeito da cultura na constituição do ego e de todas as suas instâncias.

No entanto, especialmente nos primórdios dessa disciplina, os fatores políticos e culturais que determinavam a subjetividade feminina foram amplamente omitidos, ignorando o fato de que muitas das características com as quais o gênero feminino era descrito eram enviesadas pela dominação masculina acadêmica.

Isso, entendemos, gera uma enorme dívida com as mulheres, o que nos coloca na obrigação de poder remediar para aliviar o sofrimento de nossas pacientes. É necessário criar espaços de abordagem em saúde mental, que podem e devem incluir os aspectos do mundo circundante que determinam um tipo específico de sofrimento.

Ao mesmo tempo, entendemos que a partir da compreensão desses aspectos sociais e políticos, que elaboram uma abordagem com perspectiva de gênero, não apenas daremos uma resposta ao sofrimento caracteristicamente feminino, mas também obteremos ferramentas para a abordagem do desconforto relacionado ao masculino e às dissidências.

Por essa razão, podemos afirmar que a partir de uma psicanálise com perspectiva de gênero, que se nutre dos feminismos, que tem a capacidade de integrar aspectos relacionados à política, às relações de poder e que pode compreender a importância do atravessamento cultural na constituição das subjetividades, somada à sua vasta experiência na compreensão de aspectos individuais pelos quais essa disciplina tem grande prestígio, podemos pensá-la como a ferramenta mais adequada para dar uma solução à necessidade de desconstruir as subjetividades e proporcionar alívio ao sofrimento humano. Embora seja necessário manter uma postura crítica em relação aos antigos paradigmas psicanalíticos, não devemos nos esquecer de que essa talvez seja a disciplina mais propícia ao questionamento e à revisão de sua própria estrutura teórica.

#### **Bibliografía:**

Freud. S. (1897) Obras completas Tomo I. "Fragmentos de la correspondencia con Fliess" Carta 69. Bs. As. Editora Amorrortu.

Hernando. A. (2015) "Mujeres, hombres, poder" "Identidad relacional y orden patriarcal". Madri. Editora Traficantes de sueños.

<https://datosmacro.expansion.com/demografia/mortalidad/causas-muerte/suicidio/uruguay?anio=2002#:~:text=En%202002%20se%20registraron%20en,quita%20la%20vida%20cada%20d%C3%ADa>

<https://youtu.be/8j4olew4oDk>

Meler. I. (2015) "Las huellas eróticas de la subordinación". Bs. As. Editora Topía

Meler. I. (2013). "Psicoanálisis y género". "Deconstrucción crítica de la teoría psicoanalítica". Bs. As. Editora Paidós.

Meler. I. (2019). "Sexualidad femenina y feminidad / feminismo y nuevas subjetividades". Revista Actualidad Psicológica. Año XLIV, N°484, Maio 2019, ISSN0325-2590

Tort. M. (2016) "Las subjetividades patriarcales". Bs. As. Editora Topía.

Volnovich. J.C. (2010) "Ir de putas". "El proceso de devenir varón". Bs. As. Editora Topia